



# GUILHERME Belido

**ESCREVE**  
PASSAM À CONDIÇÃO DE FRASES VAZIAS FALAR EM 'FUNCIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES' E 'MATURIDADE DEMOCRÁTICA' QUANDO FALTA O PÃO

FOTOS: DIVULGAÇÃO



**EM PLENO ESTADO NOVO...** Como de costume desfilando em carro aberto, Getúlio Vargas era aclamado pela população como grande presidente-estadista. O povo não queria saber *como* governava, mas sim que tinha emprego, casa, comida e segurança. Seu velório-enterro (na imagem, à direita, Juscelino defronte ao caixão) foi o maior e mais comovente da história do Brasil

## Vai dar m...

“As instituições estão funcionando”. A frase, que repetidamente vem sendo invocada, começa a perder força na medida em que esbarra, frontalmente, no bem estar social da população.

Com salários atrasados e pendurado no cheque especial (cuja taxa de juros é a mais alta do mundo), devendo o cartão de crédito e acumulando conta de água, luz e condomínio – enfim, atolado em dívida – o povo não está nem aí para as instituições e já-já não vai ligar ‘se nossa democracia vem dando provas de maturidade...’, ou não.

Vai, sim, querer saber é de segurança no emprego, contas pagas, comida na mesa e um mínimo de conforto para a família. Pouco importando quem está governando e sob que regime.

Militando no jornalismo há muito mais tempo do que gostaria de lembrar, não recordo de outra vez, senão esta, em que tenha lançado mão de termo chulo para expor um ponto de vista sobre qualquer que fosse o tema. Nem em texto, tampouco em título.

Contudo, talvez possa contar com alguma tolerância do leitor – com quem me desculpo – usando a meu favor exatamente a excepcionalidade de tal prática.

Justifico com a circunstância de que o Bra-

sil-governo – as “instituições” – parecem desconhecer a história de seu próprio País, nada afeito a sacrifícios em vão ou ‘patriocismo’ sem pé nem cabeça, por conta de conceitos e ideais que em estando desacompanhados de teto, cama e comida, nada significam.

Inquestionável, a crise de 2015 passou à condição de maior recessão econômica da história brasileira e hoje está na beirinha da depressão. Da mesma forma, Michel Temer assumiu como interino há oito meses – a partir de agosto como presidente definitivo – e, num começo hesitante, entre decisões

que tomava e voltava atrás, ministro que nomeava e depois exonerava, passou um semestre inteiro falando em reforma e arrocho e... de bom mesmo, nada.

Aperto tem limite – Ao melhor estilo Joaquim Levy (se estava certo, então que ficasse) nada melhorou ou parou de piorar, – o que é muito pouco para quem assumiu um País totalmente sem rumo.

Ao contrário, o único indicativo “positivo” – a inflação – tem como causa o pior dos mundos: o povo não compra porque não tem dinheiro: ou está com salário atrasado ou

nem salário tem porque perdeu o emprego.

Seria – indaga-se – um disparate usar pequena parte das reservas internacionais para injetar dinheiro na economia e deixar o povo respirar, ‘desafundar’ um pouco o Brasil e dar uma injeção de ânimo no País?

Não seria uma alternativa – ainda que excepcional – menos dramática do que o quadro de depressão que se vislumbra, com os estados quebrados, a taxa de desemprego batendo recorde, a indústria paralisada e o comércio fechando as portas?

### HISTÓRIA

#### O que nos diz a tradição

Em momentos como os de agora é aconselhável olhar para o passado e verificar quem somos e como nos portamos diante desta ou daquela situação. Nada melhor que a tradição, o costume, para saber até onde se pode ir e quais os verdadeiros valores do povo.

Por mais grotesco que possa parecer, sequer temos tradição democrática. O leitor, aqui, pode ter se espantado. Mas é a pura verdade.

Se não há que se falar em democracia nos tempos de colônia e império, tampouco nos primeiros anos de república. A bem da verdade, até os anos 50, convivemos muito mais com regimes ditatoriais – Getúlio em particular – do que democráti-

cos.

De 45 a 60, excetuando Juscelino, apenas lampejos de democracia. Jânio Quadros com seus delírios de autoritarismo e João Goulart refém dos que lhe cobravam uma república sindicalista travestida de esquerda. Deu no que deu: 1964.

Vinte anos depois o País voltava, cautelosamente, à atmosfera democrática pelas mãos de Sarney, amigo dos militares. Daí por diante foi se estabilizando até os dias de hoje.

Logo, temos, sim, uma democracia plenamente consolidada. Mas jovem, de 30 e poucos anos – o que ao longo da história é praticamente nada.

### HISTÓRIA (I)

#### O povo brasileiro

Diferente dos EUA, do Japão e, talvez, da Inglaterra, o Brasil não passa fome para o princípio democrático triunfar acima de qualquer coisa. Aqui, político corrupto não comete haraquiri (muito ao contrário, decide a seu bel-prazer se acata ou não decisão judicial) e tampouco faz sacrifícios por amor à rainha.

Não é assim que funciona. O governo, o Congresso e a Justiça precisam olhar para trás para vislumbrar o futuro. Ninguém quer retrocesso institucional e tampouco ditadura. Mas a quem caberá as rédeas do País se o Brasil descarrilhar?

Um dos períodos mais autoritários da história brasileira foi o Estado Novo, de 1937-45, com Vargas. O País estava alinhado

com o fascismo, Getúlio fechava o Congresso – mandava prender e mandava soltar. Do Catete, governava com mão de ferro e era saudado nas ruas como “Ditador”. E gostava.

Contudo, grandes conjuntos habitacionais eram entregues ao povo, o emprego crescia, a agricultura experimentava franca expansão, a indústria prosperava e os direitos trabalhistas eram implantados. Não havia recessão, os traficantes não controlavam as comunidades e as pessoas não tinham medo de sair na rua.

Em sua maioria, o povo não ligava para quem ou como governava. Ligava para uma vida segura, sem sobressaltos e onde o amanhã não era uma caixinha de surpresa.

PROMOÇÃO

LEVE MAIS MICHELIN

COMPRE 4 PNEUS E PAGUE 3\*

APROVEITE OS PNEUS MAIS SEGUROS E DURÁVEIS DO MERCADO EM CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS.

\*Promoção válida entre o período de 18/12/2016 à 24/03/2017 ou enquanto durarem os estoques. Para maiores informações e localização participante consulte as Revendas participantes.

Consulte na Revenda os pneus participantes.

Campos Pneus

2726-4343

Av. Felipe Uebe, 326